

**O DESAFIO DA FORMAÇÃO DE LEITORES:
ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE A LEITURA
EM SUAS INÚMERAS PERFORMANCES**

Laura Maria Paim (UEMS)

laurampaim@hotmail.com

Susylene Dias de Araújo (UEMS)

susylene@uems.br

RESUMO

A leitura é um dos processos capazes de alterar verdadeiramente a consciência crítica do indivíduo. Sabemos que a capacidade de acionar processos de leitura não é tarefa fácil e aos professores, constantemente, recai a inquietante questão: como promover o gosto pela leitura em estudantes, muitas vezes, desmotivados. O ato de ler leva a reflexão e a uma atuação positiva no meio. É objetivo deste estudo, refletir sobre a possibilidade de a escola aliar os multiletramentos à prática docente, de modo a se reposicionar diante da dificuldade de criar em seus alunos o hábito pela leitura em direção ao conceito de letramento literário.

Palavras-chave: Leitura. Literatura. Ensino. Multiletramentos.

1. Introdução

A leitura contribui verdadeiramente para formação crítica do indivíduo. Sabemos que, sem a prática da leitura, outros mecanismos da vida social acabam sendo comprometidos. Sabemos também, que a capacidade de acionar processos de leitura não é tarefa fácil, e aos professores, constantemente recai a inquietante questão: como reverter à situação em que se encontra atualmente, boa parcela de seus alunos, estes por sua vez, crianças e jovens, em idade escolar, que não possuem perfil de leitores assíduos e tampouco manifestam interesse em folhear as páginas de uma obra literária, seja ela qual for. Essa condição precária que hoje se vivencia, é uma constante, sobretudo no contexto da atual escola pública brasileira.

Como essa situação é constante no meio escolar, seria necessário acionar um posicionamento crítico acerca da prática de leitura que atualmente se percebe nas instituições de ensino, propondo por sua vez, mudanças na postura rígida em que se oferece a leitura, ela encontra-se hoje no ambiente escolar, sob a forma de textos fragmentados e preestabelecidos de forma arbitrada, e encontra-se ainda através de recortes feitos e adaptados para determinados fins, como por exemplo, para a obtenção de

respostas já pré-estabelecidas, as quais, o próprio aluno já pressupõe a resposta, daí reside à necessidade de mudança nos currículos escolares, para o oferecimento de tempos e espaços de leitura nas instituições.

Aí reside também a necessidade de que cada educador, enquanto agente social possa ter a chance de repensar suas próprias práticas acerca dos textos trabalhados em sala de aula, visto que, essas escolhas demandam certo grau de discricionariedade por parte do educador, que bem sabe, através de sua consciência crítica, que apesar das condições adversas, possui a importante tarefa de auxiliar na criação do hábito da leitura em seus alunos, assim como valorizar a importância que se configura, o ato de ler.

O ato de ler inicia-se quando um sujeito, através de sua percepção, toma consciência de documentos escritos existentes no mundo. [...] o sujeito abre-se para possibilidades de significação, para as proposições de mundo que os signos do documento evocam ou surgem. (SILVA, 1992, p. 95).

A leitura nos leva a refletir sobre sua real finalidade: formar indivíduos capazes de transformar e atuar de forma positiva no meio em que vivem por intermédio da reflexão. Tornar-se um leitor implica abrir os olhos para questões que excedem qualquer situação de preconceito social ou linguístico, pois se trata de fruição, de análise, de um momento único de percepção do indivíduo frente ao texto.

Ler não é decifrar, como num jogo de adivinhações, o sentido de um texto. É, a partir do texto, ser capaz de atribuir-lhe significado, conseguir relacioná-lo á todos os outros textos significativos para cada um, reconhecer nele o tipo de leitura que seu autor pretendia e, dono da própria vontade entregar-se a esta escrita ou rebelar-se contra ela, propondo outra não prevista (LAJOLO & ZILBERMAN, 1982, p. 59).

Muitas vezes a leitura é posta em segundo plano, competindo de forma desigual com a televisão, e as mídias digitais. A proposta deste artigo é mencionar a importância da leitura para a vida do indivíduo, bem como a importância de se tentar resgatá-la, assim como, mencionar as outras inúmeras modalidades de se apreciar um texto, e salienta-se que, a leitura agora mencionada.

Não se trata exclusivamente de um texto formal, escrito, é necessário estabelecer uma reflexão que vá além dessa imagem, ou seja, tomando a leitura em suas múltiplas performances: um poema recitado, uma peça teatral, um sarau, uma obra de arte exposta em um museu, são exemplos de leituras que se pode apreender de eventos que traduzem a expressão artística de seus idealizadores, porém, “a qualidade (profundi-

dade?) do mergulho de um leitor num texto depende e muito da qualidade de seus mergulhos anteriores” (GERALDI, 1983).

Partindo dessa premissa, é possível sinalizar para a necessidade de se oferecer uma leitura de qualidade, já nos primeiros anos da vida escolar de uma criança, visto que, a escola, para muitas delas, significa a única chance de entrar em contato com algum tipo de texto ou obra literária, e a leitura é o processo básico para a apreensão de conhecimento.

Aí reside à importância desta instituição, enquanto ambiente formador, e como garantia de acesso à literatura, a leitura e a diferentes formas de manifestação artística. Esse acesso se dá, primariamente sob a forma textual, e posteriormente, sob inúmeras outras, como a capacidade de interpretar uma peça teatral, ou uma escultura, por exemplo, e o aluno só será capaz de interpretá-las, se possuir uma determinada carga de experiência como leitor, e essa experiência deve ultrapassar um estágio de leitura fechado e superficial. “A aprendizagem da leitura é um longo e complexo processo, que exige inteligência, maturidade, esforço e continuidade.” (SILVEIRA, 1967, p. 46).

2. *Multiletramentos*

O aprimoramento da tecnologia da informação tem modificado intensamente as atividades na vida cotidiana moderna. Essas mudanças se refletem hoje, sobretudo no processo de ensino e aprendizagem das crianças e jovens e assim sendo, o avanço da tecnologia e a sua utilização no ambiente escolar, vem se tornando alvo de inúmeras pesquisas e objeto de análise de um número elevado de trabalhos desenvolvidos na academia, visto que as novas ferramentas tecnológicas como os computadores, a Internet, e as redes sociais têm influenciado e favorecido nos jovens em idade escolar na aquisição de raciocínios e comportamentos diversos dos antes conhecidos. Desse modo, as instituições de ensino atentam-se agora para a necessidade de uma nova postura pedagógica, adequando-se ao que chamamos hoje de letramento digital.

Esse tipo de letramento desenvolve no aluno uma gama de informações e habilidades mentais que favorecem também sua inserção no mercado de trabalho. A questão é como aliar tecnologia à prática pedagógica de modo à letrar digitalmente as futuras gerações sem que haja prejuízo ao aprendizado, visto que os jovens de hoje, se acostumaram rapidamente aos avanços da tecnologia da informação, o que configura uma

forma de distração, e é impossível para a escola, manter-se distante dessa nova realidade. A escola, com o auxílio dos meios de comunicação modernos e respeitando os níveis de aprendizagem de cada indivíduo, pode e deve desenvolver estratégias para intensificar a prática de leitura e escrita, oferecendo mediante através das mídias digitais, diferentes formatos de letramento e alfabetização. O letramento digital traz consigo a possibilidade de mudança no modo de escrever e ler os códigos, devido ao suporte inovador em que os textos digitais são oferecidos, o que se diferencia da forma de leitura e escrita tradicional que sempre utiliza o livro como ferramenta principal e traz consigo um modo de ensinar padronizado, pautado na recepção de informações pelo aluno, sempre extraídas de um apêndice.

Os alunos hoje em dia, estão totalmente familiarizados com o ambiente virtual, os jovens estão se auto letrando pela Internet, e a escola deve saber explorar essa nova realidade, oferecer a leitura digital através dos “e-books”, montar blogs, escrever, ler e enviar emails, montar chats e fóruns de discussão, além de disponibilizar os conteúdos das aulas em ambientes virtuais, essas são práticas que favorecem o gosto pela leitura e configuram-se como alguns exemplos de como mediar o conhecimento e ampliar a capacidade cognitiva dos alunos, propondo através da tecnologia da informação, uma forma dinâmica de aprendizagem pautada na descentralização do conhecimento, no intercâmbio de informações, bem como em uma maior autonomia por parte dos alunos que são usuários frequentes da comunicação digital.

O próprio sistema não permite atualmente que se formem alunos-leitores, pois a este, está vinculado um currículo institucional que rege a maneira como as escolas públicas desenvolvem a educação dentro das instituições. O currículo não tem dado à devida atenção a leitura e tampouco à literatura, e desse modo, acaba por inibir a ação docente, pois o professor, sente-se responsável por cumpri-lo á risca, tendo assim, menor flexibilidade e uma maior carga de responsabilidade para com os conteúdos ministrados.

Sabemos, pois, que o professor é o mediador do conhecimento, atuando como um “semeador” e, portanto, com o pouco de liberdade que o resta, pode tornar-se um agente desse processo, valorizando a leitura, na tentativa de incutir na cabeça das crianças e dos jovens, a sua importância.

Como forma de ilustrar o que foi mencionado, percebe-se que o

educador pode, por exemplo, tentar trabalhar de forma mais acentuada a prática da leitura, assim como repensar suas ações, enquanto mediador, e verificar se possui uma observação crítica acerca da finalidade da leitura, verificar também, o nível de maturidade de seus leitores, bem como aquilo que deve ou não exigir deles, de modo a torná-los aptos a refletir e com isso, desenvolver seu senso crítico, e para tanto, é necessário também, que nos tornemos professores-leitores, para que desse modo tenhamos o conhecimento necessário para auxiliar as crianças e jovens a alçar voo no campo da leitura.

O aluno vai para a universidade e sai dela sem habilidade de leitura e escrita e sem consciência crítica, porque nenhuma, nem outra são desenvolvidas pelo simples discurso do professor acompanhado de exercícios gramaticais, mas resultam de um laborioso processo de leitura ao longo da vida. (ARGUELHO, 2010, p. 96).

Com absoluta certeza, pode-se afirmar que o desejo de todo professor é formar leitores, perceber que estes compartilham da prática da leitura e que o fazem primeiramente pelo gosto, pela fruição, não encarando o ato de ler, como um árduo fardo a ser carregado durante os anos escolares. A experiência linguística e artística, decorre dessa primeira manifestação que ocorre na escola, para posteriormente ser possível que esse aluno-leitor, se torne apto à interpretação e a apreciação das várias manifestações de leitura que se encontrem a sua volta, pela própria experiência e maturidade e proficiência que este adquire ao ler,

a maturidade de que se fala aqui não é aquela garantida constitucionalmente aos maiores de idade. É a maturidade de leitor, construída ao longo da intimidade com muitos e muitos textos. Leitor maduro é aquele para quem, cada nova leitura desloca e altera o significado de tudo que ele já leu, tornando mais profunda sua compreensão dos livros, das gentes e da vida (LAJOLO & ZILBERMAN, 1982, p. 53).

2.1. Breve histórico da formação de leitores no Brasil

O ensino das letras no Brasil iniciou-se a partir do séc.XIX, sendo anterior a independência da república. Percebe-se nesse período a ausência da formalização do ensino, que era facultado às famílias mais abastadas, encontrando-se fora do contexto social da maioria da população, e ainda assim, inexistia sua obrigatoriedade, bem como seu caráter sistemático, e tampouco existiam instituições para a educação formal.

Regina Zilberman, professora e pesquisadora da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, em seu artigo denominado: No

começo, a leitura, afirma que “A educação tornou-se obrigatória apenas a partir da segunda metade do século dezanove, após uma reforma imposta pelo imperador”, e analisando essa afirmação à luz de uma perspectiva histórica, pode-se perceber que, em decorrência dessa medida, a comercialização de obras didáticas tornou-se significativa e expansiva, atendendo a um público crescente, a mercantilização de livros nesse momento, voltou-se para a produção de exemplares destinados ao ensino formal, que mesmo vivenciando essa efervescência de mercado, ainda podia ser considerada ínfima, visto que se proliferavam as críticas acerca da escassez de livros no cenário nacional, um registro dessa insatisfação está na indignação do próprio escritor Gonçalves Dias, que certa vez, em visita a região Nordeste, presenciou a ausência de livros apropriados para a educação na infância.

Os primeiros registros das publicações didáticas compreendiam os denominados “livros de leitura”, destinados às crianças em idade mais tenra, as “seletas”, estes destinados aos últimos anos da vida escolar dos estudantes e as “antologias” que compreendiam coletâneas da literatura portuguesa, essa era basicamente a forma de ensino ministrada aos estudantes, e pode-se perceber que era voltada para a educação dos meninos, pois as meninas seriam nessa época preparadas para a tarefa de aprender as lidas domésticas, somente mais tarde se tem registro de material didático direcionado a meninos e meninas de forma diferenciada, o que leva a crer que estaria incluído, já nessa fase o público feminino. Registros históricos apontam o nome de Abílio César Borges como o mais renomado autor de livros voltados para a educação na era republicana. (ZILBERMAN, 1996). Suas obras foram largamente utilizadas nesse período, e segundo ele, a criança deveria primordialmente aprender a ler, pois considerava a tarefa da leitura já bastante árdua para que fosse aliada também a apreensão da escrita, desse modo, seria mais interessante que à criança, por volta de seis anos de idade fosse ensinado a ler e posteriormente a ela fosse ministrado o ensino da escrita.

Para que o educando adquirisse proficiência na leitura era necessário que este soubesse ler em voz alta, bem como, se mostrasse capaz de saber oscilar a entonação de voz de acordo com a ocasião, ou seja, baseado no que estivesse sendo lido, de modo que as palavras deveriam ser pronunciadas com muita clareza, modulando-se o timbre de acordo com a situação, outro ponto importante para a apreensão da experiência linguística seria a capacidade de imitar o mestre, aquele que ministrava a aula, observando os pormenores dessa leitura, para que desse modo, fos-

se possível a concretização do aprendizado, que tomava como ponto referencial a maneira como o professor conduzia essa leitura.

Outros nomes podem ser citados para demonstrar a didática ministrada a essas crianças e jovens ao longo de sua formação, como as seletas da autora Maria Amália Vaz de Carvalho, destinadas a alunos de grau de escolarização mais avançado, estas seletas significavam o contato primeiro dos estudantes com a literatura, e vale ressaltar que estavam aí incluídas, algumas com alto nível de complexidade com a obra de Euclides da Cunha “O sertanejo” dentre outras não menos importantes (*Apud* ZILBERMAN, 1996). Naquele contexto histórico, a ideia que prevalecia entre os autores de obras didáticas era a noção de que seria necessário considerar a leitura como a gênese da aprendizagem do indivíduo, pois dela partiriam as demais experiências linguísticas, como a escrita, por exemplo, e a leitura, a saber, dos autores consagrados era vista como a única maneira realmente eficaz para que o educando aprimorasse o gosto pelas obras literárias, isso explica as inúmeras seletas onde constava uma reunião de diferentes autores, variando de acordo com o nível e a maturidade desse jovem leitor, que a medida que evoluía recebia então, novo contingente de vocábulos e expressões literárias.

Percebe-se, pois, que o método de aprendizagem compreendido entre o século dezenove e início do século vinte era formal, rígido e baseado na leitura decorada, bem como na imitação do modo particular como o professor lia, para que estes alunos através dessa prática repetitiva se tornassem exímios leitores e entrassem em contato com a literatura através das seletas e antologias de textos literários. No entanto, a partir de meados dos anos 1930, com a criação do ministério da educação, houve um redimensionamento da educação formal, buscou-se delimitar como seria o ensino do idioma pátrio, ou seja, da língua portuguesa para assegurar a boa escrita, através do contato com a gramática, partindo do ensino de vocabulário e ortografia.

Percebe-se pois, que novamente a leitura é posta como ação primordial para a aquisição do conhecimento inerente a língua, visto que seu ensino seria baseado na leitura e estudo das melhores obras literárias brasileiras, incluindo as obras consideradas modernas, já as obras clássicas foram destinadas a fase em que o aluno já estivesse apto a analisá-las, ou seja, quando já possuísse um nível mais elevado de experiência literária. Pode-se notar através da leitura do presente artigo, que nesse período, para cada série do ensino básico foi destinada a normatização de uma metodologia de trabalho, para ser seguida pelo professor visando que o

aluno ao final de cada série, fosse capaz de apreender a conhecimento linguístico necessário para ingressar na série seguinte, isso incluía o nível de conhecimento literário suficiente, pois a literatura era ensinada aliada ao ensino do português.

Em relação ao curso ginásial do ensino secundário, alterações foram feitas em sua estrutura, a partir do ano de 1942, enfatizando a finalidade do ensino de português, pautado agora em um ensino pronunciadamente prático, para que o aluno pudesse se comunicar bem, e é notório mencionar que mais uma vez a leitura esteve presente, agora como parte integrante dessa reformulação no currículo escolar, que na verdade, pouco teve de alterações sólidas em sua estrutura, no entanto, cabe ressaltar que a leitura tornou-se a pauta de um capítulo inteiro desse projeto, porém agora acompanhada de tarefas mais complexas que exigiam mais aspectos cognitivos e a leitura passa então a confundir-se com o ensino de português.

O livro didático oferecido a crianças e jovens nesse período inova ao trazer uma diferenciação entre as obras destinadas as meninas, primando por um caráter pedagógico essencialmente voltado à ressaltar a condição feminina, visando instruir mulheres que viriam mais tarde a tornar-se esposas e mães de famílias cumprindo assim seu papel social, e os livros voltados para os meninos enaltecendo a coragem, o caráter e a missão de serem defensores da pátria e da família. Nas décadas subsequentes houve inúmeras mudanças nas propostas de ensino, sobretudo, a criação da LDB, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, na década de 1970 e que enfrentou mudanças e adequações, mas possui vigência até os dias atuais, bem como atenta para a questão de que os livros didáticos não sofreram alterações muito notáveis em sua proposta básica quando toma o texto como ponto de partida para as demais práticas escolares.

A partir dessa viagem histórica aos primeiros exemplares de livros ofertados aos estudantes brasileiros, é possível compreender como se deu a evolução do ensino de língua portuguesa e literatura no Brasil, já no limiar da instauração da república. Essa compreensão histórica é essencial para que se possa traçar uma linha do tempo e dela apreender as mudanças ocorridas até os dias atuais, assim como compreender a metodologia utilizada naquela época para a aquisição do conhecimento, e como era encarado o ensino e a importância da prática da leitura das obras literárias nacionais.

2.2. Desafios do letramento literário: diálogos entre o ontem e o hoje

A leitura é um processo que na maioria das vezes, inicia-se na escola, é gradual, subjetivo, e torna-se autônomo, à medida que esse leitor vai adquirindo maiores níveis de proficiência. Quando pensamos essa experiência, percebemos que ela significa mais que o simples ato em si, possui implicações maiores, como a percepção de cada leitor, o efeito que esta leitura consegue causar, e sua variação, é, portanto “o constatar, o cotejar e o transformar”, de que fala o autor Ezequiel Theodoro, três estágios ligados ao nível de percepção do leitor, ou seja, a análise daquilo que foi lido, e atenta-se para o fato de que esse processo está estritamente relacionado com a fruição, e promove o crescimento e o amadurecimento do indivíduo enquanto leitor.

A escola, inegavelmente continua sendo a principal agência de formação de leitores, é nela que a criança ainda em processo de alfabetização, desenvolve as suas primeiras leituras, porém o que se percebe hoje, em relação aos leitores formados em décadas anteriores, é uma mudança de postura da criança e do jovem, tomados aqui, como leitores em potencial, frente ao objeto de leitura.

Antigamente, a escola era um centro formador extremamente rígido, no qual o estudante ingressava para adquirir um conhecimento muito mais amplo, denso e sistematizado, se comparado com o ensino que se tem hoje nas escolas, esse conhecimento incluía a aprendizagem de outros idiomas, porém essa situação, já mencionada anteriormente sob a forma de um breve histórico da formação de leitores no Brasil, possui seus prós e seus contras, visto que o conhecimento era imposto ao aluno, que em muitas situações aprendia decorando e imitando.

Essa mudança a qual se menciona aqui torna-se clara através da reflexão constante no excerto: “Em primeiro lugar, alterou-se a compreensão mesmo da natureza das atividades de aprender e ensinar. Tinha-se por assentado que as crianças aprendessem por imposições repetidas, impostas de fora para dentro. Hoje sabemos que não é assim”. (SILVEIRA, 1967 p. 17).

Embora a pedagogia escolar tenha evoluído, e muito, sempre inovado através de décadas de pesquisa para desenvolver métodos que facilitem o aprendizado em todas as instâncias, a impressão que se tem é que houve também um condensamento no currículo escolar, e uma visível queda na qualidade de ensino, que parece não respeitar mais a literatura

como parte integrante desse processo, não obstante a leitura, antes valorizada e considerada fator primordial para o sucesso nas escolas, tornou-se atualmente escassa entre os alunos.

Ao analisar um excerto da obra de Juracy Silveira, escrita entre os anos 1959 e 1960, pode-se perceber claramente qual era a função da leitura:

O mundo atual é ainda o mundo da letra impressa. Os princípios democráticos entre os quais sobreleva o direito de todos à educação, conferiram à escola a responsabilidade de transmitir a todos os indivíduos aquele legado cultural-patrimônio comum da humanidade. (SILVEIRA, 1967 p. 45).

Atualmente, o próprio mercado editorial empurra o leitor a buscar títulos já popularizados e padronizados, o que torna a prática da leitura, de certo modo, massificada, mudando os rumos da produção literária da atualidade.

As culturas do escrito e do impresso sofrem hoje, mais do que nunca, a influência pesada da sociedade de consumo, soma-se a isso o fato de não vivermos em um país de leitores, e, sobretudo de leituras curtas e superficiais, esses fatores demonstram a vulnerabilidade da formação do “leitor moderno”, e podem significar um lapso futuro, pois para aquele que escolheu seguir a carreira docente nas áreas de leitura e literatura, só resta um questionamento, como tentar atenuar esse processo degradante que se encontra hoje, o letramento literário na sala de aula? Infelizmente a resposta não é fácil de ser encontrada, e acredito ser essa, fruto da união de forças e recursos diversos.

Para tanto, uma questão aqui levantada é a possibilidade que a escola hoje possui, de aliar os multiletramentos à prática docente, de modo a se reposicionar diante da dificuldade de criar em seus alunos o hábito pela leitura. “A obra não é jamais a mesma quando inscrita em formas distintas, ela carrega a cada vez outro significado” (CHARTIER, 1997, p. 71).

O uso de veículos diversos na busca pela apreensão do conhecimento, entre eles as mídias eletrônicas, tem a capacidade de ampliar a disseminação da informação, desenvolvendo o senso crítico desse aluno, e tendo como principal premissa, chegar ao texto, ou seja, o leitor ao utilizar outros meios, diversos ao livro, ainda encontra o texto como produto final dessa abordagem. A cultura digital, ainda não se encontra totalmente presente no ambiente escolar, e embora tenha se tornado uma ferramenta muito útil ao letramento literário, ainda é pouco explorada pela

escola, que continua fazendo uso do papel impresso como principal veículo de disseminação da leitura.

Os multiletramentos, sobretudo o digital, em seus inúmeros suportes, agora utilizados para a leitura, possibilitam diferentes versões para um mesmo texto e assim, propiciam a interação do leitor com a obra, em suportes que, por vezes despertam sobremaneira esse jovem leitor, de um modo às vezes, que consegue capturar mais a atenção desse leitor, hoje acostumado à era digital, do que uma versão impressa, essa é a chamada “quarta revolução da escrita” como pontua Chartier (1997) que atenta para a força com que estão adentrando no nosso cotidiano essas mídias e o valor que elas vêm adquirindo a passos largos em termos de adequação e receptividade.

Não obstante, é necessário ressaltar, como já dito anteriormente, que a leitura continua sendo a única prática realmente capaz de alterar a consciência crítica do aluno, de atuar como fonte de toda a qualquer mudança que se pode esperar, seja através do livro impresso, ainda hegemônico em nossa sociedade, ou por meio das mídias, que se encontram hoje, em franca expansão.

3. Considerações finais

Sabemos da importância de todas essas pesquisas e estudos, que tem por intuito a melhoria na qualidade da escola e das práticas pedagógicas que norteiam o ensino, bem como a relevância das novas práticas que auxiliam a leitura, como o letramento digital, porém partindo do pressuposto de que a leitura é uma prática social libertária, que se constitui como a única chance de superação de uma condição social excludente, e que esta, não deve ser arbitrada ou fragmentada pela escola, deve-se mencionar que a presença da família é fator preponderante para o sucesso no letramento literário do aluno, pois o auxílio e cuidado dispensado pelos pais deve ser uma das vertentes de formação do jovem leitor.

Desse modo, pode-se afirmar com certeza, que aqueles que recebem estímulo e incentivo em casa têm maiores chances de adquirir o gosto pela leitura, pois os professores e a escola em si, por mais que tentem, dificilmente conseguirão sozinhos, através das poucas aulas e do ínfimo tempo dispensado pelo próprio currículo para a leitura e a literatura, incentivar o aluno e garantir que este se torne um leitor.

A finalidade básica da leitura na escola, que a criança e o jovem

leitor sejam capazes de ler para compreender os textos, participando assim, de forma crítica da dinâmica do mundo da escrita e tornado-se capazes de posicionar-se frente ao contexto social ao qual estão inseridos.

A prática da leitura, por mais que esteja vinculada á escola e seja parte imprescindível do processo de ensino, não podendo dele se desvincular, é também uma prática pessoal, variando conforme a experiência do leitor e que o acompanhará pelo resto de sua vida, portanto, está presente no ambiente escolar, mas, antes, faz parte da vida do ser humano, transformando seu modo de pensar e agir, é um legado inerente a cada um de nós.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARGUELHO, A. Ana. *A leitura em sala de aula*. Campinas: Autores Associados. 2010.

BALDI, Elisabeth. *Leitura nas series iniciais, uma proposta para a formação de professores de literatura*. 2. ed. Porto Alegre: Projeto, 2009.

CHARTIER, R. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: Edunesp, 1997.

GERALDI, João Wanderley. Prática da leitura de textos na escola. *Leitura: Teoria e Prática*, n. 3, p. 25-33, 1984.

LAJOLO, Marisa. *Literatura: leitores e leitura*. São Paulo: Contexto, 1997.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 1982.

SILVA, Ezequiel Theodoro. *O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura*. 6. ed. São Paulo: Cortez; Autores Associados, 1992.

SILVEIRA, Juraci. *Leitura na escola primária: guia para normalistas e professores*. Rio de Janeiro: Conquista, 1967.

ZILBERMAN, Regina. No começo a leitura. *Em Aberto*, n. 69, ano 16, Brasília, 1996.